



Ensino de Sociologia em Debate

Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL

CURRÍCULO HISTÓRICO-CRÍTICO E INDIVÍDUOS AUTÔNOMOS¹

Michele Rissardi²

RESUMO: Diante da implantação da pedagogia histórico-crítica, tem-se a idéia corrente de que essa nova pedagogia levaria a formação de indivíduos autônomos. Neste trabalho, através de uma breve análise sobre uma escola na região central na cidade de Londrina, estado do Paraná, pretende-se a realização de uma compreensão do papel da educação, da escola e as propostas da pedagogia histórico-crítica e se essa pedagogia tem alcançado seus objetivos.

Palavras-chave: Educação; Escola; Pedagogia Histórico-Crítica.

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

Na contemporaneidade são evidentes à continuidade de sociedades profundamente marcadas por desigualdades sociais, injustiças - que atravessam questões de ordem econômica, cultural, social, política, etc – e que atingem a vida dos indivíduos, principalmente no âmbito da educação.

O tratamento de tal questão leva a determinadas indagações: A introdução da pedagogia histórico-crítica no sistema educacional realmente permite a autonomia do indivíduo? Se a resposta é positiva, como esclarecer, então, o fato de estudantes continuarem reproduzindo a lógica do sistema capitalista? Se a resposta for negativa, quais os motivos para tal?

¹ Artigo orientado pelo Prof. Dr. César Augusto de Carvalho e apresentado no V Seminário de Estágio de Sociologia, no dia 23 de novembro de 2012, no CCH/UEL.

² Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina. UEL. Contato: mi_lonpr@yahoo.com.br

É importante ressaltar que neste texto não se pretende oferecer respostas sistemáticas a essas questões. O objetivo é realizar uma introdução relacionada aos sistemas de ensino.

A relação entre educação, escola, pedagogia e autonomia tem sido tema de diversos autores. Neste trabalho, por meio de uma breve análise bibliográfica e de observação no campo de estágio, buscar-se entender tais relações a partir das contribuições teóricas e das observações feitas na sala de aula especificamente.

De acordo com Rodrigues (2001), Bourdieu afirmava que mesmo os agentes sociais que pensam estar livres de determinações sociais, são movidos por forças que estimulam a ação. Para Bourdieu, as ações é o processo através do qual se reproduzem as estruturas sociais.

Neste sentido, o que é interessante para Pierre Bourdieu na análise sobre os sistemas educacionais são as estruturas, negando possibilidades de rompimento com as estruturas de reprodução e afirmando que as teorias pedagógicas tendem a ocultar o poder de reprodução do sistema escolar.

Ainda segundo Rodrigues (2001), no livro “A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino” ocorreu um refinamento das idéias anteriores, sendo que a tese central da obra é que todo o sistema educacional é uma violência simbólica na medida em que impõe, por um poder arbitrário, um determinado arbitrário cultural.

Segundo Saviani (2008) o percurso da educação está ligado ao conceito de modo de produção, os modos de produção pelos quais percorreu a história vai transformar os modos de educação. Considera a escola como sistema de interesses corporativos e clientelista e não mais um espaço para atender aos interesses da população.

A educação escolar está ligada a um saber sistematizado de acordo com Saviani (2008), é através da educação que se forma outra natureza, uma “segunda natureza” no aluno, elementos necessários para a formação da “humanidade em cada individuo”. O que remete muito a influência de Durkheim sobre o processo de socialização e os dois tipos de consciência a individual e a social e a segunda deve prevalecer sobre a primeira.

A EDUCAÇÃO ESCOLAR

A educação escolar hoje não está voltada para o interesse dos alunos, para quem ela deveria ser feita, muito pelo contrario, as decisões com relação à educação segue uma hierarquia, passa pelos órgãos federais, estaduais, municipais até chegar às instituições e então aos alunos. A comunidade para quem a escola “se diz a disposição e feita para eles” não é ouvida, não é a partir desses indivíduos que os debates e as necessidades educacionais são levantados, a proposta por soluções é buscada.

Veremos então como Saviani e Bourdieu analisam o processo da educação escolar e como ambos apesar de perspectivas diferentes, vêem na educação escolar uma forma de “reprodução social”, os indivíduos são construídos socialmente.

Saviani (2008) aponta a educação como uma formadora de humanidade

A compreensão da educação enquanto um trabalho não-material, cujo produto não se separa do ato de produção, permite-nos situar a especificidade de educação como referida aos conhecimentos, idéias, conceitos, valores, atitudes, hábitos, símbolos sob o aspecto de elementos necessários à formação da humanidade em cada individuo singular, na forma de uma natureza, que produz, deliberada e intencionalmente, através de relações pedagógicas historicamente determinadas que se travam entre os homens. (SAVIANI, 1991, p. 22).

De acordo com Saviani (2008), a educação é o “ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”, o social agindo no individuo, o individuo é construído socialmente, o que interessa para a educação é o “saber objetivo historicamente produzido”.

Segundo Martins (1990) um dos motivos que levou Bourdieu a análise dos sistemas de ensino foi à possibilidade desta dimensão da vida social ter contribuição significativa para a formação do *habitus*³. A cultura escolar, como uma das agências formadoras de *habitus*, possibilita aos indivíduos que têm acesso a ela, um sistema

³ Sobre a definição de *habitus*, ver “*Le sens pratique*” de Pierre Bourdieu.

de categorias de pensamento que acabam por funcionar como forma de classificação do homem e das coisas.

Seu projeto encaminhava-se para a elucidação dos mecanismos de funcionamento dos distintos espaços sociais, como por exemplo, o Estado, a igreja, a moda, o esporte, a linguagem, o sistema de ensino, etc. Pretendia a análise acerca do surgimento, hierarquia e lutas internas desses espaços, assim como a estruturação mental a lógica de condutas dos agentes no interior desses espaços.

De acordo com Vasconcellos (2002) em 1964, Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron apresentam "*Les Héritiers*", na qual os autores evidenciam a importância da relação entre o "capital cultural", a seleção social e escolar. O conceito de capital cultural é utilizado para distingui-lo do capital econômico e do capital social. Bourdieu procura demonstrar a relação existente entre a cultura e as desigualdades escolares, evidenciando que a escola pressupõe certas competências que são adquiridas no interior da família.

Para Martins (1990), a intenção de Bourdieu era demonstrar a contribuição da análise sociológica para o entendimento de uma forma de estruturação objetiva do conhecimento, qual seja o sistema de ensino, que produz estruturas mentais que são profundamente interiorizadas pelos atores sociais. No entanto, na visão de Bourdieu, a sociologia da educação também se insere na sociologia do poder, isto porque sua análise centra-se nas condições sociais que permeiam uma forma de distinção social e de fonte de poder.

A sociologia da educação, na visão de Bourdieu, possibilitaria elementos para a apreensão do papel da instituição escolar na dinâmica de reprodução do capital cultural, da manutenção ou alteração das relações, tanto de força quanto simbólicas, existentes entre as classes.

Para Vasconcellos (2002) outra noção importante elaborada por Pierre Bourdieu para a compreensão da relação entre o saber escolar e forma como os indivíduos percebem a sociedade e suas relações é a de violência simbólica. Tal noção procura demonstrar o mecanismo que permite que os indivíduos tomem como naturais, as representações e idéias dominantes.

ESCOLA E PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

A pedagógica histórico-crítica foi criada por Saviani (2008) tendo como pressuposto sua viabilidade dentro de uma sociedade capitalista, uma educação que não seja reprodutora, mas adequada aos interesses da população em geral, aos interesses do grande contingente da sociedade brasileira explorados pela classe dominante, pois uma teoria só é crítica quando é determinada pela sociedade.

Essa pedagogia tem como base os fundamentos do método dialético para formação do conhecimento. De acordo com Gasparin essa pedagogia é uma transformação no sistema educacional brasileiro, mas pouco aplicada no cotidiano escolar.

A escola possui um tipo de conhecimento elaborado. A institucionalização do processo pedagógico pela escola é uma especificidade da educação, a escola é detentora de um saber sistematizado, de acordo com Saviani.

Segundo Gasparin a metodologia pode contribuir para o sucesso ou fracasso do aluno, e que o professor faz uma oscilação entre outras concepções pedagógicas, sem uma mudança radical.

A implantação de uma pedagogia com base no método dialético pressupõe que todas as áreas do conhecimento, como matemática, química, física, português etc., sabem quais as bases e os fundamentos dessa proposta pedagógica, e de acordo com Saviani (2008) basta um comprometimento por parte do corpo docente para que esta possa ser colocada em prática.

Saviani (2008) defende uma pedagogia centralizada na troca de conhecimentos e na iniciativa dos alunos. A escola somente será valorizada quando a pedagogia for articulada com os interesses da população.

Levaria em conta os interesses dos alunos, sem deixar de lado a iniciativa do corpo docente. Esses métodos manteriam um vínculo entre educação e sociedade, onde o ponto de partida seria a prática social, fazendo-se necessário transformar as relações de produção que impedem a construção de uma sociedade menos desigual.

A pedagogia histórico-crítica foi uma proposta para os educadores, para que estes tivessem uma alternativa e uma nova perspectiva, pois Saviani (2008) acha

possível uma educação que não seja reprodutora do sistema vigente. Para que a escola seja um ambiente democrático, de debates, participação e cidadania, é necessário o exercício da consciência crítica.

Como pensar essa pedagogia aplicável e modificadora do sistema capitalista num ambiente onde os alunos são todos padronizados através de uniformes e sobre vigilância constante dos funcionários, diretores e professores.

A cada 50 minutos há uma troca de disciplinas, onde não ocorre à interdisciplinaridade, o aluno sai de uma aula e passa para outra sem correlação alguma, mostrando cada vez mais uma cisão disciplinar. Podemos citar uma das causas: a hierarquização disciplinar, a disputa entre as áreas do conhecimento para saber qual a disciplina mais importante, a que tem mais relevância.

Partindo para os conteúdos, há uma autonomia relativa para professores e alunos, pois os conteúdos já estão determinados pelos programas de aula que o mesmo deve cumprir durante o ano letivo. Se existe uma programação de conteúdos que deve ser aplicado durante o ano, então os alunos não escolhem temas para estudar de acordo com seu interesse, fica preso a conteúdos pré-programados ou mesmo seguindo livro didático.

Como pensar o arcaísmo das tecnologias das estruturas escolares diante de um mundo com tecnologias que estão se inovando constantemente e estão em competição dentro da sala de aula, o professor se dispõe dentro da escola de uma TV que limita a capacidade do pen-drive e do tamanho do arquivo, as bibliotecas escassas, laboratórios capengas e com poucos recursos. Os professores ficam limitados, dificultando ainda mais o desenvolvimento e a aplicabilidade dos conteúdos.

Como trabalhar as diferenciações sociais e culturais que permeiam o ambiente escolar. Não dá para negar as diversidades dentro da escola, são várias pessoas diferentes tratadas como iguais, que tem a mesma bagagem de conhecimento, parte-se do princípio de que os símbolos exigidos pela instituição escolar sejam conhecidos por todos.

A igualdade formal de oportunidades, a qual se pauta a prática pedagógica, mascara e justifica a indiferença em relação às desigualdades reais acerca do ensino e da cultura exigida. A “tradição pedagógica só se dirige, por trás das idéias

inquestionáveis de igualdade e de universalidade, aos educandos que estão no caso particular de deter uma herança cultural, de acordo com as exigências culturais da escola” (BOURDIEU, 1989, p. 10). As práticas pedagógicas excluem as questões sobre os meios mais eficazes de transmissão dos conhecimentos a todos as habilidades exigidas de todos, transmitidas pelas classes sociais de forma desigual e tendem a desvalorizar como “escolares” as práticas destinadas a tais fins.

A violência simbólica pensada por Bourdieu, de acordo com Vasconcellos (2002), é desenvolvida pelas instituições e pelos seus agentes, apoiando-se no exercício da autoridade. A transmissão da cultura escolar realizada pela escola através de seus conteúdos, programas, métodos de trabalho, critérios de avaliação, suas relações pedagógicas e práticas lingüísticas, são próprias da classe dominante, exercida sobre os alunos de classes populares.

Rodrigues (2001) aponta que o arbitrário cultural através do qual se manifesta a violência simbólica é a concepção cultural dos grupos dominantes imposta para toda a sociedade por meio do sistema de ensino. Tal imposição não se manifesta em sua forma completa e a pedagogia não se realiza enquanto pedagogia na medida em que se limita à inculcação de valores e normas.

Neste sentido, Rodrigues (2001) sustenta que de acordo com Bourdieu, conforme o educando interioriza os princípios culturais impostos pelas instituições de ensino, ele adquire um habitus. Na medida em que o arbitrário cultural a ser imposto é incorporado ao habitus do professor, tem-se, no trabalho pedagógico, a reprodução das mesmas condições sociais que originaram os valores impostos pelos grupos dominantes.

Para o autor (1989) é necessário atribuir a tal mito uma função de crítica, já que eles convergem no desvendamento acerca da ausência de relações entre os ideais democráticos e a realidade social.

Neste sentido, Bourdieu (1989), pergunta-se se a melhor forma de demonstrar até onde a realidade social de um determinado grupo “democrático” está de acordo com seus ideais. Observa a necessidade de reconhecer à extrema “rigidez” de uma sociedade que permite o monopólio da utilização da instituição escolar pelas as classes sociais mais favorecidas.

Neste sentido, e conforme afirma Rodrigues (1989), para tal questão não existe saída. O sistema de ensino acaba filtrando e selecionando os alunos sem que eles percebam e acabam reproduzindo as relações vigentes. Não existem possibilidades de mudanças. Nem mesmo a revolta estudantil ocorrida em maio de 1968, para os autores, não faz mais nada além de reforçar o sistema, na medida em que ela é absorvida e permite o aprendizado para as estruturas de como melhor se comportar para a reprodução das relações. Qualquer revolta contra as normas vigentes é considerada como um reforço para a interiorização da própria norma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com todas essas questões que permeiam a escola, então como pensar que a educação pode levar a mudanças, mesmo o professor seguindo as propostas da pedagogia histórico-crítica. Pois a escola ainda não se constituiu como um espaço democrático, para existir a democracia é necessária a participação de todos, mas diante da realidade prática, não existe a participação de todos, os alunos não são ouvidos, os professores estão em disputa pela quantidade de aula de suas disciplinas, etc.

Segundo Saviani a educação escolar é capaz de mudar as condições do sistema vigente, para Bourdieu as instituições escolares são reprodutoras do sistema vigente, então basta analisar a realidade e refletir em qual processo a escola esta inserida. Incito-nos a questionar se diante de um Estado “representativo burguês, cuja laicidade é questionável”, qualquer tentativa de mudança apresenta-se como aplicável.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. **Educ. Rev.**, Belo Horizonte (10), dez, 1989.

MARTINS, Carlos Benedito. A pluralidade dos mundos e das condutas sociais: a contribuição de Bourdieu para a sociologia da educação. **Em aberto**. Brasília, ano 9, n. 46, abr/jun, 1990.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeira aproximação**. 10. Ed. rev., Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

VASCONCELLOS, Maria Drosila. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. **Educação & Sociedade**, ano xxiii, n. 78, abril, 2002.